

RUÍNAS E NOVAS ESPACIALIDADES POSSÍVEIS: ESTRATÉGIAS PROJETOAIS PARA A COMUNICAÇÃO DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO*

NATÁLIA MIRANDA VIEIRA-DE-ARAÚJO**

natalia.vieira@ufpe.br



10.64082/phs.2024.02.4.8

RESUMO ABSTRACT

Este trabalho explora a interface entre arqueologia, arquitetura e restauro em projetos de tratamento de ruínas e vestígios arqueológicos inseridos em seu contexto ambiental. A experimentação projetual sobre o tema de novas possibilidades de leitura da espacialidade permite a preservação da materialidade concomitantemente à valorização da comunicação através de uma experiência mais imersiva em tais sítios.

Palavras-chave: Ruínas; Patrimônio Arqueológico; Novas espacialidades; Princípios projetuais de restauro.

Ruins and new possible spatialities: Design Strategies for the Communication of Archaeological Heritage

This work explores the interface between archaeology, architecture and restoration in projects that treat ruins and archaeological remains within their environmental context. The design experimentation on the theme of new possible ways to read spatiality allows for the preservation of materiality while simultaneously enhancing communication through a more immersive experience at such sites.

Keywords: Ruins; Archaeological heritage; New spatialities; Orojectual principles of restoration.

* O presente artigo dá continuidade às reflexões já registradas no livro “Materialidade e imaterialidade no patrimônio construído: Brasil e Itália em diálogo”, de minha autoria, publicado em 2022 pela Editora da UFPE. Retomamos aqui a reflexão conceitual de ruína e patrimônio arqueológico já registrada neste livro para então desenvolver a ideia de construção de leituras de espacialidades como estratégia projetual que valoriza os aspectos simbólicos e a comunicação do patrimônio arqueológico.

* Professora Associada da UFPE (Departamento de Arquitetura e Urbanismo da e Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano - MDU UFPE). Mestra em Arquitetura e Urbanismo pela UFBA. Doutora em Desenvolvimento Urbano pela UFPE e Pós-doutorado na *Università di Roma La Sapienza*.

O TRATAMENTO DE VESTÍGIOS ARQUEO-

lógicos é tarefa que concerne apenas a arqueólogos ou deve envolver também arquitetos e profissionais de outras especialidades? Qual o limite entre ruínas e patrimônio arqueológico nas reflexões teórico-projetuais? Tem sentido e favorece à preservação do patrimônio arqueológico a busca pela evocação de uma espacialidade não mais perceptível aos cidadãos em geral apenas através de vestígios conservados? Essas são algumas das questões com as quais temos nos deparado ao eleger o tema da preservação de ruínas como locus principal para trabalharmos no aprofundamento das relações entre as dimensões materiais e

imateriais do patrimônio construído (Vieira-de-Araujo, 2022). No presente artigo, traremos alguns exemplos de intervenção em ruínas e vestígios arqueológicos que pudemos estudar durante o período de pesquisa na Itália entre 2019 e 2020, finalizando com um exemplo brasileiro recentemente trabalhado em parceria com colegas de pesquisa¹. Nosso foco aqui será explorar a interface entre arqueologia, arquitetura e restauro nos projetos de tratamento de ruínas e vestígios arqueológicos inseridos em seu contexto paisagístico e ambiental, reforçando como as ações colaborativas entre diferentes campos do conhecimento podem ser frutíferas para a preservação da materialidade de tais vestígios e valorização de sua dimensão simbólica.

Nesse sentido, o ambiente italiano oferece um amplo e consolidado debate entre arqueólogos e arquitetos, algo ainda incipiente na prática brasileira. Podemos citar o volume *Conservare il passato: metodi ed esperienze di protezione e restauro nei siti archeologici*, organizado por Claudio Varagnoli (2005), que reúne rico material sobre os desafios atuais no tratamento de ruínas que arqueólogos, arquitetos, engenheiros e outros especialistas vêm enfrentando, algumas vezes de forma colaborativa e, em outras, nem tanto. Varagnoli (Varagnoli, 2005, p. 57, tradução nossa) chama atenção para a necessidade de aproximação em torno da reflexão sobre o projeto em si: “[...] o problema da proteção das ruínas, do seu restauro e de sua eventual reintegração se inscreve no contexto mais amplo da relação entre conservação dos edifícios históricos e projeção.” O autor entende, assim como nós, que a estrada a ser percorrida passa pela experimentação projetual desse problema específico.

Entre arqueólogos italianos, observamos a preocupação de Andreina Ricci, que destaca, entre os vários desafios preservacionistas do patrimônio arqueológico, um que, para ela, na maioria das vezes vem sendo negligenciado: “o significado que tais preexistências assumem, hoje, no

¹ O trabalho intitulado *Società dello spettacolo e il concetto di unità potenziale in Brasile: un esempio di resistenza nel caso delle rovine di São José do Queimado – ES*, de autoria compartilhada entre a presente autora e as colegas Cristiane Gonçalves, Eneida de Almeida e Ana Paula Farah (sendo as duas primeiras parceiras no grupo de pesquisa do CNPq chamado Patrimônio cultural: teoria, projeto e ensino), foi apresentado em dezembro de 2023 no seminário internacional em homenagem aos 60 anos da Teoria do Restauro de Cesare Brandi intitulado *Cesare Brandi e le frontiere del restauro: Teoria e prassi*, realizado pelo Instituto Central de Restauro (ICR) em Roma, e aguarda a publicação de seus anais.

imaginário dos cidadãos e de suas comunidades, com vistas à elaboração de uma identidade coletiva cada vez mais múltipla e diversa” (Ricci, 2006, p. 9, tradução nossa). A autora insiste que devemos nos perguntar sobre quais são “as finalidades pedagógicas de nossas preexistências” e “se e como os resultados da pesquisa arqueológica podem contribuir para melhorar a relação identitária entre cidade-cidadãos sintonizando-os com as tramas em acelerado movimento da cidade contemporânea” (*Idem*, p. 10, tradução nossa). Está clara, portanto, a preocupação da autora com os aspectos simbólicos e comunicativos que devem estar na base das ações preservacionistas de ruínas e vestígios arqueológicos. Estamos falando de projetos de intervenção que lidam simultaneamente com alto valor simbólico e uma materialidade que impõe uma série de desafios específicos.

É exatamente olhando para tais desafios que gostaríamos de explorar a abordagem teórico-metodológica que valoriza a leitura de espacialidades de tais permanências arruinadas e que nos parece um caminho promissor para a conjugação de saberes de disciplinas como arquitetura, arqueologia, história e paisagismo. Acreditamos que a preocupação da arqueóloga Andreina Ricci (2006) se alinha com a experimentação projetual sobre o tema que tem explorado a evocação e a indicação de uma leitura sugestiva da espacialidade perdida desses espaços e vestígios arqueológicos que permitem uma experiência mais imersiva aos visitantes de tais sítios. Para Carbonara (2016, p. 57):

[...] a relação entre as ruínas antigas e a modernidade representa um autêntico problema interdisciplinar, arqueológico, arquitetônico, urbano, de gestão mas também de restauro, em seu pleno sentido de conservação, reintegração e apresentação; problema que responde à vontade de dar um sentido ao que se apresenta como fragmentado, inacabado, ilegível, sem sentido, mas merecedor, no entanto, de ser ‘revelado’, passado para o futuro.

Andreina Ricci (2006), entretanto, se queixa de muitas vezes perceber a dificuldade de arquitetos em inserir os vestígios arqueológicos em um novo projeto a partir de uma real compreensão da relação destes com o contexto onde se encontram. Carbonara (2016), por sua vez, apesar de reconhecer que

existe uma fragilidade na formação de muitos profissionais da arquitetura para o tratamento da preexistência com o rigor metodológico que esse tipo de projeto exige, também identifica um fechamento e desconfiança dos arqueólogos em relação aos arquitetos e considera ambas as situações como extremamente prejudiciais. Assim, está claro que ainda temos um percurso grande a enfrentar para alcançar uma parceria mais consolidada e frutífera entre saberes. Que a ação de preservação é uma atividade necessariamente multidisciplinar, já sabemos. Apesar disso, parece-nos necessário reforçar especialmente a relação de extrema proximidade e trabalho em conjunto necessário entre arqueólogos, arquitetos e historiadores para a preservação do patrimônio arqueológico em sua plenitude.

RUÍNAS E SUAS ESPECIFICIDADES

Sobre as especificidades do entendimento das ruínas, seus aspectos simbólicos e como devemos olhá-las no contexto de ações preservacionistas, já desenvolvemos reflexões anteriores que passam por autores de diferentes formações como a teoria da arte, a arquitetura, a arqueologia, a filosofia e a sociologia (Vieira-de-Araujo, 2022). Gostaríamos de retomar aqui parte dessas reflexões. No campo preservacionista, destaca-se a contribuição de Cesare Brandi (2004), que identifica a ruína como aquele testemunho da história humana que se apresenta de forma quase irreconhecível em relação ao que antes existia enquanto artefato construído. Se tal fato aponta para a presença, sobretudo, do valor histórico, Brandi (Brandi, 2004, p. 79-84) segue problematizando a nova condição estética que se estabelece a partir do estado de ruína e da relação indissociável desta com o ambiente onde se insere: “uma obra de arte em que a ruína foi reabsorvida” (Brandi, 2004, p. 80). Para o autor “[...] deveria conservar-se não apenas a ruína do monumento, mas o âmbito que era a ela convexo e que era, pela ruína, qualificado”, ou ainda que a obra “[...] agora vale muito mais por essa sustentação da sintaxe urbanística e paisagística do que pela sua atual consistência” (*Idem*, p. 81, grifos do autor).

No campo da sociologia e filosofia destaca-se o texto de Georg Simmel (1858-1918), de 1911, intitulado *Die Ruine*, que será retomado posteriormente por

autores de diferentes campos do saber para refletir sobre as ruínas. Simmel reconhece – como Brandi fará posteriormente – essa indissociabilidade e nova condição de completude que a ruína estabelece com a natureza (Souza; Ölze, 1998, p. 137-144). O texto de Simmel também ressalta a “sedução da antiguidade” das ruínas², critica a prática de tentativa de imitação destas e reconhece seu valor estético próprio³, em uma abordagem com a qual Brandi, na segunda metade do século XX, claramente dialogará.

O antropólogo Marc Augè, no contexto de reflexão mais recente, reúne em seu livro de 2003 (traduzido para o italiano em 2004: *Rovine e macerie: il senso del tempo*) uma série de ensaios onde o autor coloca questões contemporâneas relativas ao lembrar-esquecer, questões relativas a memórias inseridas num contexto de exploração comercial e turística do patrimônio cultural. A partir de suas próprias experiências em viagens a variados países e do cotejamento destas com a reflexão de diversos autores, dá destaque, em vários momentos, ao papel simbólico exercido pelas ruínas. Augè (2004) também reforça uma espécie de redescoberta da ruína como uma verdadeira e única experiência do tempo.

Contemplar ruínas não equivale a fazer uma viagem pela história, mas a fazer uma experiência do tempo, do tempo puro. [...] O “tempo puro” é esse tempo sem história, do qual apenas o indivíduo pode tomar consciência e do qual o espetáculo das ruínas pode oferecer-lhe uma fugaz intuição” (Augè, 2004, p. 37-38, tradução nossa).

² Destacamos a reflexão realizada por Adriana Veríssimo Serrão (2011), pesquisadora do campo da filosofia da paisagem, que no capítulo intitulado *Da essência da ruína* (2011, p. 89-102), dialoga com o texto de Simmel de 1911 fazendo o contraponto deste com algumas outras visões sobre a relação homem-arte-natureza.

³ Contemporaneamente a Simmel, no campo da preservação, teremos a contribuição também do austríaco Max Dvorak difundidas em seu *Katechismus der Denkmalpflege*, publicado em 1916, que também critica a tentativa de reconstrução de ruínas: [...] *Uma ruína reconstruída não é mais uma ruína, mas uma nova, geralmente medíocre, obra arquitetônica. [...] Se necessário, pode-se construir inserir ou acrescentar estruturas, cuja simplicidade deve caracterizar sua presença no ambiente, sem a introdução de nenhuma forma historicizante* (Dvorák, 2008, 110).

Para o autor, essa experiência do tempo leva o indivíduo a compreender a duração do tempo na sua própria e finita existência. Varagnoli, citando as reflexões de Augè, se coloca de forma otimista em relação a uma renovada visão sobre ruínas e vestígios arqueológicos: “Talvez essa renovada confiança humanística possa fundamentar uma renovada atitude frente ao patrimônio arqueológico, capaz de garantir o valor documental, mas também de considerar a dimensão simbólica e evocativa” (Varagnoli, 2005, p.13-14, tradução nossa).

O importante é destacar o entendimento contemporâneo, cada vez mais consolidado, de que as ruínas devem ser objeto de uma ação preservacionista que trabalhe a dimensão simbólica, evocativa e a capacidade de fruição destas no tempo presente, atenta à preservação dos vestígios materiais ainda existentes. Entendimento que aproxima, entre muitos outros, os autores já citados até aqui e que pode ser observado desde a atuação de Cesare Brandi ao colaborar diretamente com ações projetuais desenvolvidas por Franco Minissi sobre ruínas arqueológicas⁴. É importante destacar ainda que existem variados tipos de vestígios arqueológicos⁵ e que alguns desses, pela sua característica excessivamente fragmentada e lacunar, devem ser tratados enquanto documentos, mas diferem das chamadas “ruínas históricas” (Rodrigues, 2017)⁶, onde se pode trabalhar sua leitura dentro da paisagem onde se inserem favorecendo a sua relação com as pessoas que as visitam e respeitando a materialidade dos vestígios.

⁴ Sobre esse tema ver Vivio (2010), Brendle (2015) e Costa (2021).

⁵ Para o detalhamento dos diferentes tipos de vestígios arqueológicos temos, por exemplo, a contribuição do arqueólogo Daniele Manacorda (2016).

⁶ Sobre o conceito estabelecido por Rodrigues (2017), seria interessante observar a reflexão conceitual, que já ocupou vários autores, sobre a tentativa de categorização dos diversos tipos de ruínas entre as quais é possível observar uma certa aproximação entre a perspectiva dos autores que pesquisamos ao identificarem ora as ruínas que resultam da passagem do tempo sobre elas, e que são vestígios de civilizações antigas, ora as ruínas que resultam de eventos traumáticos (naturais ou não). Sobre o tema, além da já citada Rodrigues (2017), sugerimos Szymgin (2018) e De Martino (2017). Essas categorizações são resumidamente apresentadas também em Vieira-de-Araújo (2022).

EXPERIMENTAÇÕES PROJETUAIS EM TORNO DO TEMA DA EVOCAÇÃO DE ESPACIALIDADES NO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO

Exploraremos aqui exemplos que buscam novas possibilidades de leitura de espacialidades perdidas como meio para promover a preservação do patrimônio arqueológico e a maior valorização de sua dimensão simbólica e comunicativa. Em todos os casos, está presente a preocupação em favorecer a experiência do corpo no espaço e facilitar o envolvimento de qualquer visitante com o sítio visitado. É preciso ter em mente que estamos sempre falando de uma interpretação evocativa de espacialidades sob as quais não temos a certeza absoluta de suas formas exatas no passado e sim uma ideia de aproximação resultante dos estudos acurados de arqueólogos e historiadores. É importante deixar espaço para a subjetividade dessa espacialidade que não pode nem deve prescindir do cuidado e preservação dos vestígios em si, testemunho material e ponto de partida de todos os estudos. Conforme já anunciado, indicaremos como fonte para reflexão dessa experimentação quatro exemplos de casos italianos e um exemplo brasileiro⁷. Os exemplos estão divididos em dois tipos de experimentações projetuais: um primeiro onde as ruínas estabelecem uma relação indissociável com a paisagem onde se inserem e o segundo acerca de casos de vestígios fragmentados inseridos em uma nova edificação resultante da estratificação de tempos diversos⁸.

⁷ Tais exemplos encontram-se detalhadamente analisados em: Vieira-de-Araujo (2022), para os casos italianos, e, para o caso brasileiro, no artigo em vias de publicação de autoria de Natália Vieira-de-Araújo, Cristiane Gonçalves, Eneida de Almeida e Ana Paula Farah, já citado na nota de rodapé número 2.

⁸ Em Vieira-de-Araújo (2022) tratamos também de um outro tipo que experimentação projetual cada vez mais explorada como parte das possibilidades contemporâneas de valorização da leitura e interação com o patrimônio arqueológico que passa pela musealização com realidade virtual, a exemplo de experiências nas ruínas das Termas de Caracalla e do Palazzo Valentini, ambos em Roma. No nosso artigo intitulado “Por uma simbiose entre materialidade e imaterialidade: tecnologias digitais, limites e possibilidades na preservação de Ruínas”, apresentado no UIA 2021-27º Congresso Mundial de Arquitetos, realizado do Rio de Janeiro, apresentamos esses dois casos discutindo limites e possibilidades da utilização de ferramentas virtuais-digitais como a realidade virtual e a realidade aumentada para a potencialização da compreensão dos vestígios arqueológicos de forma instigante por parte de seu público visitante, favorecendo a sua valorização por todos e não apenas por parte de especialistas do patrimônio.

RUÍNA, PAISAGEM E EVOCÇÃO DE UMA ESPACIALIDADE PERDIDA

Dentro dessas experimentações projetuais, destacam-se exemplos que indicam uma espacialidade perdida sem perder de vista a nova relação estabelecida entre ruínas e paisagem. É necessário lembrar que esse tipo de atuação será primeiramente realizada ainda nos anos 1950 através das, hoje já clássicas, intervenções em ruínas realizadas por Franco Minissi que buscarão resgatar uma unidade volumétrica perdida em prol de uma melhor percepção pela comunidade em geral desse patrimônio fragmentário.

Os dois primeiros casos italianos que exploraremos buscam uma proposição indicativa de uma espacialidade sem fechar completamente essa “indicação” e deixando a cargo do visitante a possibilidade de “completar” essa espacialidade. Trataremos do exemplo pioneiro do Templo de Apolo no Parque Arqueológico de Veio, ao qual o arquiteto Franco Ceschi, autor do projeto, se refere como uma “reproposição evocativa” e o caso da instalação artística de Edoardo Tresoldi no Parque Arqueológico de Siponto, que reelabora essa mesma estratégia projetual sobre os vestígios de uma antiga basílica romana. O caso brasileiro que também apresentaremos brevemente é o das ruínas de São José do Queimado, no estado do Espírito Santo, que tem uma problemática que se assemelha com a desses dois primeiros casos italianos. Em todos esses casos, estamos falando de parques arqueológicos imersos em uma paisagem exuberante, distante da ocupação urbana mais concentrada das cidades onde se localizam.

O Templo de Apolo em Veio, região metropolitana de Roma, faz parte do Parque Arqueológico de Veio, sendo o mais significativo entre os vestígios encontrados neste parque. Será sobre estes vestígios que Franco Ceschi, em colaboração com a *Soprintendenza Archeologica per l'Etruria Meridionale*, fará, em 1992, a proposta de uma intervenção que buscou retomar a possibilidade de leitura do templo por um público mais amplo, sem que isto significasse a necessidade de reconstrução ou de desconsideração de sua dimensão material. Ceschi se utiliza de uma malha de ferro que sugere a leitura do templo antigo, garantindo simultaneamente a possibilidade de leitura e a transparência que permite a fruição da paisagem onde os vestígios do templo estão inseridos. (Il. 1)



Il. 1: Proposta de “reconstituição volumétrica evocativa” proposta por Franco Ceschi no Templo de Apolo a Veio em Roma (1992).

Fonte: Natália Vieira-de-Araújo, janeiro de 2020.

O Parque Arqueológico de Siponto, na cidade de Manfredônia, localizada na província de Foggia, na região da Puglia, foi objeto de recente intervenção desenvolvida sobre os vestígios de uma antiga basílica paleocristã na área arqueológica de Siponto. O projeto realizado neste sítio busca a sistematização de toda a área em torno da igreja românica de Santa Maria Maggiore (construída em fins do século XI-XII). A intervenção realizada, em 2015, sob as ruínas da antiga basílica que fica ao lado da igreja românica, foi idealizada pelo artista plástico milanês Edoardo Tresoldi, que buscou a recuperação da volumetria do antigo monumento através de uma instalação artística (Esposito, 2020). O artista repropôs a forma da basílica com uma leve estrutura em telas de arame sobre as ruínas da ábside e mosaicos da Basílica paleocristã⁹.

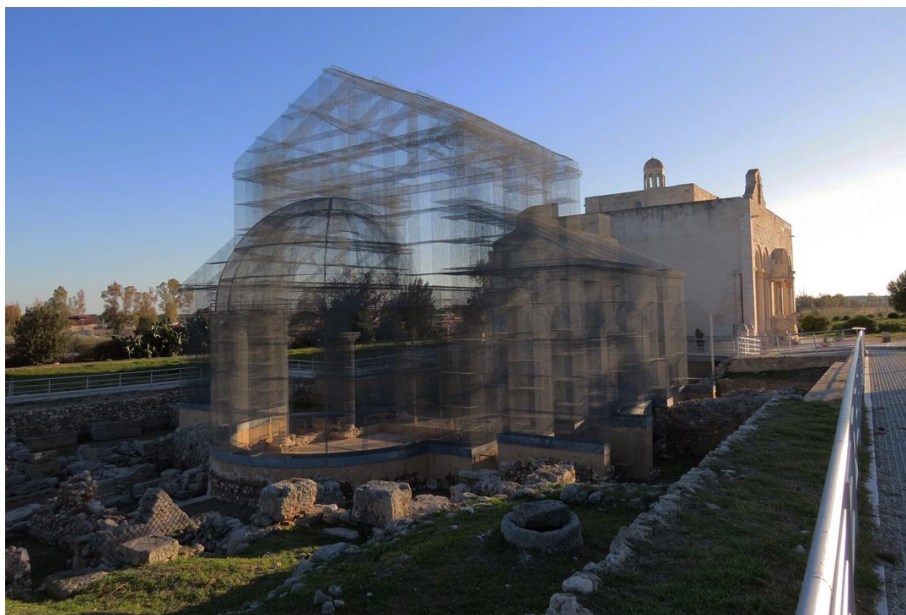
⁹ Imagens das ruínas da ábside e dos mosaicos como estes se encontravam antes da intervenção, podem ser consultadas em: <https://www.villaggituristicipuglia.it/articoli-siponto-antica.php>).

Este projeto é citado por vários estudiosos do tema como um exemplo de grande interesse por promover uma forte aproximação entre as pessoas e os vestígios arqueológicos. Também se colocam críticas sobre a forma como a estrutura metálica é conectada aos vestígios antigos bem como às incertezas sobre o quanto essa volumetria de fato corresponde à estrutura antiga antes aí existente. (Il. 2)

Carbonara (2016), em artigo realizado para o Boletim do Instituto de Restauro Romano (ICR), especificamente sobre a temática da intervenção sobre ruínas arqueológicas, ressalta ambos os projetos aqui apresentados, entre outros, pelas aproximação da abordagem, através da qual buscam essa possibilidade de fruição da volumetria que outrora existia nesses espaços ao mesmo tempo em que respeitam tanto os vestígios materiais arqueológicos quanto o contexto paisagístico onde se inserem.

No Brasil, o exemplo do recente restauro, realizado entre 2007 e 2020, da Igreja de São José do Queimado, situada no Sítio Histórico e Arqueológico de São José do Queimado (ES), resulta de uma experimentação projetual que segue a mesma linha dos exemplos italianos anteriormente citados. Aqui estamos falando de um sítio que está ligado à memória de luta do movimento negro e da resistência à escravidão no Espírito Santo¹⁰, protegido a nível estadual e municipal, cujo projeto de restauro da igreja que compõe o sítio arqueológico busca a recomposição volumétrica, através de uma estrutura metálica indicativa de elementos marcantes da igreja como seu frontão, o coro e o arco-cruzeiro. A intervenção tem claramente a preocupação simultânea com a fruição do espaço e valorização dos aspectos simbólicos aliadas à preservação e respeito aos vestígios materiais e à condição de ruína do bem cultural. (Il. 3)

¹⁰ Sobre isso ver Almeida (2009) que conta todo o contexto histórico da construção de uma igreja, entre 1845-1849, viabilizada por mão de obra de negros escravizados que depois se revoltam em consequência da promessa de alforria nunca concretizada.



Il. 2: Acessando a área da basílica de Siponto a partir do Parque Arqueológico, em primeiro plano a estrutura metálica proposta por Edoardo Tresoldi e ao fundo a Igreja românica de Santa Maria Maggiore.

Fonte: Natália Vieira-de-Araújo, fevereiro de 2020.



Il. 3: Aspecto geral da ruína com a reproposição indicativa de coro e frontão.
Fonte: Fotografia de Cristiane Gonçalves, 2023.

FRAGMENTOS, ESTRATIFICAÇÕES E EVOCÇÃO DE ELEMENTOS-CHAVE PERDIDOS

Mas e quando estamos lidando com vestígios arqueológicos que são encontrados inseridos dentro de uma estrutura urbana consolidada? Como buscar sentido e uma leitura de espacialidades em contextos tão fragmentados? Os exemplos da Crypta Balbi (intervenção de “anastilose indireta”); e da área arqueológica na antiga horta dos monges da Basílica *San Paolo fuori le Mura* são muito didáticos e elucidativos acerca do que um projeto de restauro com a necessária multidisciplinaridade pode gerar em termos positivos para a preservação. Aqui, vale salientar, o papel de toda a exposição que, com seus painéis explicativos, ganha também uma importância destacada.

Para entrar no caso da Crypta Balbi é interessante retomar a ideia de “anastilose indireta” desenvolvida por Giovanni Carbonara (Carbonara, 2010). A anastilose, conforme conceituação da Carta de Veneza, como uma “recomposição de partes existentes mas desmembradas”, já é uma opção projetual amplamente conhecida e utilizada no tratamento de vestígios arqueológicos muito antes, inclusive, da referência a esta na própria Carta de Veneza¹¹.

Será em Carbonara (*Idem*, 2016, p. 54-56) que nos depararemos pela primeira vez com a utilização do termo “anastilose indireta” para se referir ao caso do projeto de Riccardo D’Aquino para a sistematização da área arqueológica monumental etrusca de Acquarossa em Viterbo. Carbonara (2010) conceitua o termo “anastilose indireta”, ressaltando o seu papel de facilitador da leitura de vestígios arqueológicos:

É uma técnica mais de apresentação museográfica de monumentos (museografia) do que de reconstrução. No caso de fragmentos escassos e descontínuos, mas todos pertinentes ao mesmo artefato, é possível, depois de um cuidadoso estudo histórico-arqueológico, colocá-los novamente e apresentá-los na posição em que estavam originalmente, apoiá-los com uma estrutura moderna que poderia muito bem aludir à forma do antigo (*Idem*).

¹¹ Vários outros documentos citam explicitamente a anastilose como uma possível ação de restauro, podemos citar, por exemplo, a Carta do Restauro italiana de 1931-1932, a Carta de Atenas de 1931 e a Carta do Restauro italiana de 1972.

E onde está a Crypta Balbi? Qual a estratificação de qual ela resulta? Durante o império de Augusto, Cornelio Balbo foi o responsável pela construção de um teatro com cerca de 90 metros de diâmetro e de uma cripta a este conectada, inaugurados em 13 a.C.. Com o passar dos séculos, muitas sobreposições se estabelecem e os vestígios do teatro praticamente desaparecem. O reconhecimento desse conjunto enquanto patrimônio arqueológico acontece em 1982 e a pesquisa estratigráfica inicia-se em 1983, após a aquisição dos imóveis do complexo pelo governo romano (Vendittelli, 2018). Esposito (2020) chama atenção para a qualidade do trabalho realizado no Museu Romano Crypta Balbi e o coloca como exemplo da desejada integração entre profissionais com competências diversas, arqueólogos, arquitetos, historiadores da arte, museólogos e museógrafos, trabalhando de forma articulada sobre um mesmo projeto. Um verdadeiro processo de conhecimento e valorização integrada “com um resultado de absoluta coerência e de releitura das diversas partes que constituíam o valor principal do lugar, a estratigrafia urbana no coração da cidade” (Esposito, 2020, p. 751, tradução nossa). (Il. 4)

Dentro do complexo do Museo Romano Crypta Balbi destacaremos, em especial, a intervenção realizada por Franco Ceschi propondo a recomposição de uma das arcadas do antigo teatro aí existente, a partir de um fragmento de estuque e através da inserção de uma leve estrutura metálica (1999-2000). Por fim, no caso da imponente Basílica de São Paulo Extramuros (*San Paolo fuori le Mura*), entre 2007 e 2009, descobre-se, na área da antiga horta do monastério, vestígios arqueológicos remanescentes do período tardo-antigo e medieval, correspondentes a construções que abrigavam funções relacionadas à vida da basílica, como “instalações de recepção para os pobres e peregrinos, um mosteiro com um hall e um poço central e um alpendre com colunas e coberto por um telhado” (*Idem*, p. 753, tradução nossa).

Ao acessar e percorrer a área arqueológica restaurada, somos imersos numa nova ambiência onde é evidente o respeito aos vestígios encontrados, ao mesmo tempo em que se permite a sua compreensão como parte da estratificação ao longo dos séculos pelo qual a basílica passou. O percurso é acompanhado de uma série de painéis que apresentam as principais fases históricas vividas pela área. Mas o ponto alto do tratamento dos vestígios em prol de sua legibilidade,

sem que isso signifique sacrifício de sua materialidade, é, com certeza, a inovadora solução dada para a área onde se encontravam apenas as bases das colunas da via porticada que antes aí existiu no altomedievo. O tratamento combinado entre a utilização de um material leve (uma espécie de tecido em fitas) e a iluminação alcançou um resultado excepcional. (Il. 5)



Il. 4: Aspecto ge Museu Crypta Balbi, recomposição através de “anastilose indireta” proposta por Ceschi de uma das arcadas do antigo teatro.
Fonte: Natália Vieira-de-Araújo, 2020.



Il. 5: Área arqueológica da Basílica São Paulo Extramuros, área onde se encontravam apenas as bases das colunas da via porticada que antes aí existiu no altomedievo depois do tratamento em prol de sua legibilidade.

Fonte: Natália Vieira-de-Araújo, 2020.

Acreditamos que as intervenções sobre ruínas arqueológicas aqui muito brevemente apresentadas demonstram a possibilidade e a necessidade de um trabalho interdisciplinar que “responde à vontade de devolver um sentido ao que é apresentado como fragmentado inacabado, ilegível, sem sentido, mas merecedor, no entanto, de ser “revelado”, fruído e transmitido ao futuro” (Carbonara, 2016, p. 57 – tradução da autora). Os casos demonstram que a riqueza de possibilidades de intervenção, para além da analogia, são amplas e com grandes possibilidades de tratamento dos aspectos simbólicos de tais ruínas. Lembrando que qualquer projeto a ser realizado sobre ruínas históricas será necessariamente resultado de uma interpretação e deve “abandonar a aspiração a uma *tradução perfeita*” (Ricci, 2006, p. 146). Tais intervenções necessitam ser realizadas com cautela para não passarem a ideia equivocada de que a interpretação que se apresenta é a única possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renata Hermann de. *A salvaguarda dos bens patrimoniais e a Tessitura de territorialidades sócio-espaço-temporais*. In: ESPÍRITO SANTO (Estado). Secretaria de Estado da Cultura, Conselho Estadual de Cultura, Arquitetura, Patrimônio Cultural do Espírito Santo Vitória, SECULT, 2009.

AUGÈ, Marc. *Rovine e macerie: il senso del tempo*. Torino: Bollati Boringhieri, 2004.

BRANDI, Cesare. *Teoria da restauração*. Cotia, SP: Ateliê, 2004.

BRENDLE, Betânia. Cesare Brandi e Franco Minissi: a expressão moderna do restauro arquitetônico e arqueológico na Sicília. In: Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação, 4., 2015, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: [S. n.], 2015.

CARBONARA, Giovanni. *Archeologia e architettura: Il "tema comune" delle coperture*. Bollettino ICR – Istituto Superiore per la Conservazione ed il Restauro, Roma, nº. 33, p. 50-69, 2016.

CARBONARA, Giovanni. Anastilosi. In: *TEKNORING: il portale delle professioni tecniche*. 30 apr. 2010. Disponível em: <https://www.teknoring.com/wikitecnica/restauro/anastilosi/>. Acesso em: 20.mai.2021.

COSTA, Tatiana de Carvalho. *Intervenções arquitetônicas de proteção e apresentação de áreas arqueológicas: um olhar sobre a experiência italiana*. 2021, Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

DE MARTINO, Gianluigi De Martino. *Rovine e ruderi: conservazione e progetto*. Roma: Gangemi Editore Internacional, 2017.

DVOŘÁK, Max. *Catecismo da preservação de monumentos*. São Paulo: Ateliê, 2008.

ESPOSITO, Daniela. *Conservazione e restauro: materiali e siti*. In: *Archeologia cristiana, metodologie e cultura materiale della tarda antichità e dell'alto medioevo a cura di G. Castiglia e Ph. Pergola*. Pontificio Istituto di Archeologia Cristiana, 2020.

MANACORDA, Daniele. *Il sito archeologico: fra ricerca e valorizzazione*. Roma: Carocci, 2016.

MANACORDA, Daniele. *Crypta Balbi: archeologia e storia di un paesaggio urbano*. Milano: Mondadori Electa, 2001.

RICCI, Andreina. *Attorno alla nuda pietra: archeologia e città tra identità e progetto*. Roma: Donzelli, 2006.

RODRIGUES, Ângela. *Ruína e patrimônio cultural no Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, 2017.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Filosofia da paisagem: estudos*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. *Simmel e a modernidade*. Brasília: UnB. 1998. p. 137-144.

SZMYGIN, Bogustaw. Related Considerations in the Theory of Conservation. In: *The challenges of World Heritage Recovery: International Conference on reconstruction*. The Royal Castle, Warsaw, Poland, 6-8th May 2018. Marcinkowska, Magdalena [edt]; Zalasinska, Katarzyna [edt]; Lipska, Dabrowska [ctb] [Warsaw] : *The National Heritage Board of Poland*, 2018.

VARAGNOLI, Claudio. (Org.). *Conservare il passato: metodi ed esperienze di protezione e restauro nei siti archeologici*. Roma: Gangemi, 2005.

VENDITTELLI, Laura. *Crypta Balbi: guida*. Ministero dei Beni e delle Attività Culturali e del Turismo e Museo Nazionale Romano. Milano: Mondadori Electa S.p.A., 2018.

VIEIRA-DE-ARAÚJO, Natália Miranda. *Materialidade e imaterialidade na preservação do patrimônio construído: diálogos entre Brasil e Itália*. Recife: UFPE, 2022.

VIVIO, Beatrice. *Franco Minissi: musei e restauri: la trasparenza come valore*. Roma: Gangemi, 2010.